

## QUANDO A IRONIA REVELA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UMA CRÔNICA À LUZ DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

Thais de Freitas Mondini Belletti\*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca de práticas discursivas e sociais que se fazem presentes no contexto brasileiro contemporâneo. De acordo com as concepções teóricas da Análise de Discurso Crítica, o discurso é um modo de ação e de representação de todo o dizer. Nesse sentido, há uma relação dialética e interna entre linguagem e sociedade. Fairclough (1992) indica que, no processo de análise do discurso, a investigação pode ser feita a partir de um quadro tridimensional. De acordo com esse quadro, o discurso é analisado a partir de sua dimensão social, discursiva e textual. Tendo em vista essas concepções, o propósito desse trabalho é, com base na crônica “Guinada à direita” publicada na *Folha de São Paulo*, mapear alguns aspectos ideológicos e hegemônicos que permeiam o discurso no Brasil. Vimos que os elementos linguísticos presentes no corpus evidenciam um embate entre discursos cristalizados na sociedade brasileira e discursos que buscam uma mudança dos paradigmas sociais vigentes.

**Palavras-chave:** Práticas. Sociedade. Discurso. Ideologia.

## WHEN IRONY REVEALS: CONSIDERATIONS ABOUT A CHRONICLE FROM THE CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS PERSPECTIVE.

**Abstract:** This work aims to present a reflection in the discourse and social practices which are present in the contemporary Brazilian context. According to theoretical concepts of Critical Discourse Analysis (henceforth, CDA), discourse is a means of social activity and representation of linguistic intent. This means that social life is interconnected to networks of social practices of diverse sources and these elements are dialectically related. Fairclough (1992) suggests a tridimensional framework to investigate the process of the discourse analysis. This framework analyzes discourse in terms of its social, discursive and textual dimensions. Taking into consideration these concepts, the purpose of this work is to map some ideological and hegemonic aspects found in the discourse in Brazil. The analysis is based on the chronicle “Guinada à direita”, a text published in the Brazilian newspaper *Folha de São Paulo*. This analysis shows that the linguistic elements of the text indicate a dispute between cristalized discourses in Brazilian society and discourses that seek a change in the current social paradigm.

**Keywords:** Practices. Society. Discourse. Ideology.

---

\* Mestranda no Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem (PPGEL), PUC-Rio.

## Introdução

A análise do texto selecionado teve um cunho qualitativo-interpretativo à luz da Análise de Discurso Crítica (ADC). Este é um modelo teórico-metodológico com uma abordagem interdisciplinar e crítica do discurso, que foi primeiro proposta por Norman Fairclough no livro *Discourse and social change* (1992, tradução para o português em 2001), atualizada e revisada por Chouliaraki e Fairclough (1999), em *Discourse in late modernity. Rethinking critical discourse analysis*.

Para a ADC, o discurso é compreendido como uma prática social porque serve às diversas interações construídas nas relações sociais. É nas práticas sociais que a linguagem se manifesta como discurso. Fairclough (1989) usa o termo “discurso”, propondo o uso da linguagem como “forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais” (FAIRCLOUGH apud RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 27). Segundo essa perspectiva, o discurso é um modo de ação; é a forma por meio da qual os indivíduos podem agir sobre o mundo e sobre os outros. O discurso também é um modo de representação, ou seja, é via linguagem que os fatos e os fenômenos sociais são representados e reproduzidos. O discurso, assim, “é moldado pela estrutura social, mas é também constitutivo da estrutura social... não há uma relação externa entre linguagem e sociedade, mas uma relação interna e dialética” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.27).

Dessa forma, a ADC conjuga os elementos linguísticos e sociais em suas análises empíricas. Por meio da investigação das relações entre o discurso e a prática social, busca-se desvelar ideologias veiculadas no discurso. Para os analistas críticos, o discurso é uma forma de poder, disputado na sociedade contemporânea, pois os que logram de um acesso maior ao discurso público têm seu poder legitimado. Vale ressaltar que não é qualquer discurso que interessa à ADC, mas aqueles que contribuem para conservar ou promover o domínio de um grupo sobre os demais.

Fairclough em 1989 e aprimorado em 1992 identifica três dimensões do discurso: texto, prática discursiva e prática social. Para o autor, o discurso contribui para o estabelecimento das identidades sociais, para a construção das relações sociais e de crenças compartilhadas. Esses aspectos construtivos vão indicar as funções *identitária* – voltada para a forma por meio da qual as identidades sociais são estabelecidas no discurso; *relacional* – centrada nas relações entre os participantes do discurso, no sentido de serem negociadas e representadas; e *ideacional* – propõe as várias formas de o discurso significar o mundo. As funções identitária e relacional correspondem à

função interpessoal proposta por Halliday (1985), acrescentando-lhes a função *textual*. A função textual corresponde à maneira como as informações são estruturadas e relacionadas no texto. Dessa forma, as pessoas escolhem o modelo e a estrutura de suas orações que são também escolhas sobre o significado de relações sociais.

### **O enquadre tridimensional**

No modelo tridimensional de ADC, proposto por Fairclough (1992, 1985) a análise é dividida em três etapas. 1) O modelo centrado no *texto* abrange categorias de análise textual, o *vocabulário*, a *gramática*, a *coesão* e a *estrutura textual*. O *vocabulário* trata das palavras individuais. A *coesão* vai se ocupar da ligação entre orações e frases, através de mecanismos de referência. A *gramática* vai tratar das palavras combinadas em orações e frases. A *estrutura textual* indica as propriedades organizacionais do texto em larga escala, a maneira como os elementos são combinados. 2) Na análise das *práticas discursivas*, abordam-se os processos de *produção*, *distribuição* e *consumo textual*, sendo que a natureza desses processos vai variar de acordo com os diferentes tipos de discursos em relação aos fatores sociais. A prática discursiva é mediadora entre o texto e a prática social. Analisam-se também as categorias *força*, que está ligada aos tipos de atos de fala desempenhados; *coerência*, que se refere às conexões e inferências necessárias e sua base em pressupostos ideológicos; e *intertextualidade*, que indica as relações dialógicas entre o texto e outros textos. 3) A *prática social* está associada às noções de ideologia e hegemonia na instância discursiva analisada. No aspecto da ideologia estão inseridos os elementos do texto que podem ser investidos de forma ideológica, como os *sentidos* das palavras, as *pressuposições*, as *metáforas*, o estilo. No aspecto da hegemonia, observam-se os elementos que indicam as orientações da prática social, sendo elas econômicas, políticas, culturais e ideológicas. Busca-se analisar a posição do texto em contexto de luta hegemônica, “colaborando na articulação, desarticulação, e rearticulação de complexos ideológicos” (FAIRCLOUGH apud RESENDE; RAMALHO, 2004, p. 188). É importante destacar que a análise da prática social se dá pelo texto; é por meio dele que se exploram as estruturas de dominação, as relações sociais e as operações de ideologia.

O enquadre apresentado mais recentemente por Chouliaraki e Fairclough (1999) tem como objetivo a reflexão sobre a mudança social contemporânea, sobre as mudanças globais de larga escala e sobre as possibilidades de movimentos emancipatórios em estruturas cristalizadas na vida social. Esse enquadre parte da percepção de um problema e da análise de sua conjuntura, em que as

redes de práticas são interligadas e articuladas. As redes de práticas são sustentadas por relações de poder e as articulações entre práticas estão ligadas a lutas hegemônicas.

A proposta dialética da ADC de pensar as práticas sociais como contraditórias e em permanente transformação está em consonância com o conceito gramsciano de hegemonia. Gramsci (1988, 1955) argumenta que, na luta hegemônica, o poder exercido por uma das classes em aliança com outras forças sociais sobre o conjunto da sociedade é sempre parcial e temporário. Segundo tal perspectiva, podemos entender a hegemonia como um processo que envolve a articulação entre forças sociais que precisa ser continuamente renovada, defendida e sustentada. Dessa forma, a ADC foca o conceito de hegemonia, pois ele indica a possibilidade de mudança, porque “a hegemonia é um contínuo processo de formação e suplantação de um equilíbrio instável” (GRAMSCI apud RESENDE; RAMALHO, 2004, p. 193), e também aponta o discurso como um meio de se lutar pelo consenso.

Para a ADC, a possibilidade de desarticulação dos elementos sociais que estão presentes nas relações de dominação se dá através da agência humana. Nas considerações de Chouliaraki e Fairclough (1999), observamos que a ação individual pode representar um artifício potencial para a superação das relações assimétricas, desde que essa ação seja assistida por uma reflexividade crítica. Sobre a noção de reflexividade, Resende e Ramalho (2004, p. 199) ponderam: “A reflexividade sugere que toda prática tem um elemento discursivo, não apenas porque toda prática envolve, em grau variado, o uso da linguagem, mas também porque as construções discursivas sobre práticas são também parte das práticas.

De acordo com Giddens (1991, 2002), no contexto da modernidade tardia, a reflexividade institucional exerce grande influência sobre o dinamismo das instituições modernas. Nesse contexto, os atores sociais, por sua vez, revisam a maioria dos aspectos da atividade social com base em novos conhecimentos. Chouliaraki e Fairclough (1999) ponderam acerca da relação entre tais conhecimentos e o monitoramento reflexivo da ação e sugerem que a “reflexividade inerente à ação humana foi extenalizada na modernidade, ou seja, as informações de que os atores sociais se valem para a reflexividade vêm de fora” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 31).

Como exemplo do conhecimento “de fora”, podemos destacar a mídia, que influencia a vida cotidiana, contribuindo para a construção de sentidos. Segundo Giddens:

Os indivíduos em cenários pré-modernos, em princípio e na prática, poderiam ignorar os pronunciamentos de sacerdotes, sábios e feiticeiros, prosseguindo com as rotinas da atividade cotidiana. Mas este não é o caso no mundo moderno, no que toca ao conhecimento perito (GIDDENS apud RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 45).

Nesse caso, Resende e Ramalho (2006) pontuam que práticas podem depender dessas autoconstruções reflexivas, cada vez mais influenciadas por informações circundantes, para sustentar relações de dominação. A ideologia, assim, pode ser internalizada e naturalizada pelos indivíduos e se fazer presente nas autoconstruções reflexivas. Para a ADC, entretanto, a autoidentidade, que é criada e sustentada cotidianamente pela reflexividade do indivíduo, pode também significar a possibilidade de mudança social.

### **Representação de discurso e ironia**

Fairclough (2001, p. 153) usa o termo “representação de discurso” em lugar do termo tradicional “discurso relatado”, pois acredita ser este um termo que capta melhor a ideia de que “quando se relata o discurso, necessariamente se escolhe representá-lo de um modo e não de outro”. O autor postula que o que está representado no discurso vai além das questões gramaticais, inclui a organização discursiva, além de vários outros aspectos do evento discursivo – suas circunstâncias, o tom usado etc.

Os tipos de discurso são diferentes não somente na forma como eles representam o discurso, mas também nos tipos de discurso que eles representam e para que serve o texto representador. Há, assim, diferenças do que é citado, como, quando e porque entre sermões, ensaios científicos e conversações. Fairclough (2001, p. 153) pontua que uma variável essencial no que tange ao modo como o discurso é representado é se “a representação vai além do ideacional ou conteúdo da ‘mensagem’ para incluir aspectos do estilo e do contexto dos enunciados representados”

Bakhtin(2002) acentuou o caráter dialógico da linguagem; mesmo os textos escritos, aparentemente monológicos, dialogam com outros textos. Segundo essa concepção, “o discurso é internamente dialógico porque é polifônico; todo texto articula diversas vozes” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 65). Fairclough (2001) indica que, para se relatar um discurso, pode-se não apenas citar em discurso direto, mas também parafrasear, resumir, ecoar em discurso indireto.

Seguindo a concepção dialógica da linguagem, podemos entender a ironia como um enunciado que ecoa outro enunciado. Os estudos tradicionais sobre ironia a descrevem como um simples “dizer uma coisa e significar outra”, o que não abrange a natureza intertextual da ironia. Para que o efeito da ironia seja alcançado é preciso que os intérpretes sejam capazes de reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o significado do produtor do texto. Fairclough (2001, p. 159) postula que esse reconhecimento pode ser baseado em vários fatores:

Uma evidente falta de combinação entre o significado aparente e o contexto situacional, indicações no tom de voz do(a) falante ou no texto escrito (por exemplo, pôr palavras entre aspas simples); ou pressupostos dos intérpretes sobre as crenças ou os valores do(a) produtor(a) do texto (“nós estamos todos inteiramente conscientes das realizações econômicas do comunismo” será facilmente reconhecido como irônico por leitores regulares do jornal *The Daily Telegraph*, na Grã-Bretanha, ou em um discurso do presidente dos Estados Unidos da América).

Em suma, para que a ironia surta efeito, é necessário que os sujeitos do discurso compartilhem as mesmas referências. Não existe uma sinalização “isto é uma ironia”, pois subentende-se que os interlocutores sejam instruídos a identificar o discurso. A intenção do produtor do texto precisa estar alinhada com as práticas discursivas e sociais que permeiam o discurso, como as orientações políticas e ideológicas e o contexto de produção e consumo do texto.

### **O caso do jornal *Folha de São Paulo***

A *Folha de São Paulo* é hoje o jornal brasileiro de maior tiragem e circulação entre os diários nacionais de interesse geral. Os números auditados pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação) indicam uma tiragem média de 300 mil exemplares diários<sup>1</sup>. Lançada em 1921, o jornal se consolidou como jornal informativo “onde tudo é notícia”.

Para fins de análise, faz-se necessário comentar a respeito do gênero de jornal o qual a *Folha* está inserida – os jornais da grande imprensa. Alves Filho (2000 apud SILVA, 2003, p. 52) assim classifica:

[Jornais] que se estruturam como indústria cultural e frequentemente são apontados pelas instituições de pesquisa entre os de maior vendagem. Posição de preferência

---

<sup>1</sup> Dados tirados do site do *Grupo Folha*.

que assumem por terem construído e consagrado, perante o mercado consumidor, a imagem de isenção e independência frente aos poderes formais do Estado e aos informais, como as classes sociais e outros "grupos de pressão". Jornais (...) que, funcionando como indústria cultural, representam-se e são representados por segmentos substantivos da população - independentemente de serem rotulados "progressistas", "conservadores", etc. - como comprometidos com o bem comum, com a informação objetiva e com a interpretação correta dos acontecimentos.

Esse tipo de jornal visa a contemplar uma vasta gama de leitores por meio da oferta de várias seções e cadernos, como os destinados à família, ao esporte, à cultura etc. A ênfase do jornal, no entanto, recai sobre assuntos relacionados à economia e à política. De forma clara, o grupo que mais consome esse tipo de veículo possui um poder aquisitivo alto, assim como um nível de escolaridade mais elevado que a média nacional. Esse público, assim, pertence ao grupo que exerce maior influência junto aos centros de tomada de decisão em termos de política e economia.

A linha editorial da *Folha* afirma buscar um “jornalismo crítico, apartidário e pluralista”. Silva (2003) indica que a credibilidade social é um requisito indispensável para a manutenção e ampliação de consumidores e anunciantes, e o instrumento utilizado por esses jornais para atingir tal meta é o pluralismo político-ideológico das colunas. Esse instrumento, assim, possibilitaria a manutenção de uma imagem neutra e democrática.

Claramente, como argumenta Silva (2003), o pluralismo das colunas não impede a manifestação da linha ideológica do jornal. Esta é evidenciada nas escolhas dos textos dos editoriais e dos artigos do noticiário, das interpretações sobre os fatos anunciados e na escolha de elementos que se relacionam com o texto, como símbolos, estereótipos e imagens. De acordo com essa concepção, observamos que a *Folha de São Paulo* indica uma postura conservadora e alinhada aos preceitos neoliberais. Isso é evidenciado por seu apoio, no passado, ao regime militar, e, em tempos presentes, por sua postura abertamente favorável ao então candidato de direita Fernando Henrique Cardoso. É também evidenciado pela desqualificação de projetos e de atores políticos, que, em 1994, buscavam alternativas aos cânones neoliberais.

### **A crônica: uma amostragem**

A palavra *crônica* está intrinsicamente ligada à noção de tempo. Do grego *Chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica (MOISÉS, 1978). Com o passar do tempo, a crônica passa ao jornalismo, sendo um gênero

cultivado pelos escritores que fazem parte do jornal para relatar os acontecimentos diários. Os cronistas passam a evidenciar suas posições críticas perante os fatos da vida, ilustrando suas inquietações, incertezas e angústias. No Brasil, a crônica atinge uma característica peculiar. Ela é um gênero jornalístico que mescla a narração literária com a opinião de um tema real, seja ele econômico, político ou cultural.

A crônica *Guinada à direita*, corpus dessa análise, foi escrita por Antônio Prata e publicada no dia três de novembro de 2013 no jornal *Folha de São Paulo*. Nela, o autor diz-se revoltado com “o totalitarismo de esquerda” que “domina” o Brasil. O problema aqui apresentado se dá, pois o texto usa de ironia para apontar os argumentos contrários a um projeto progressista, de inclusão social. A ironia, no entanto, não é alcançada pelos leitores que estão de acordo com tais argumentos. Isto é evidenciado pelos comentários enviados ao *Painel do Leitor* da *Folha*, parabenizando o autor pela crônica. Destaco um exemplo:

Muito corajosa e pertinente a coluna de Antonio Prata ("Cotidiano", 3/11).

Realmente é essa gentalha, protegida por um poder totalitário instalado em nossa nação há mais de uma década, que impede o pleno desenvolvimento do país. Parabéns. aguardo ansioso por novas colunas raivosas.

No intuito de deixar clara a ironia, o autor do texto faz também um comentário no *Painel do Leitor* do mesmo jornal:

**RESPOSTA DO COLUNISTA ANTONIO PRATA** – Aos leitores que não entenderam minha crônica "Guinada à direita": sim, eu estava sendo irônico. A intenção, ao criar tal persona retrógrada, racista, machista e homofóbica, era apontar tais preconceitos em nossa sociedade. Parece que funcionou, pois a maioria dos e-mails equivocados que recebi me parabenizava pela "coragem" de "assumir" essas deprimentes opiniões.

Vimos que, para a ADC, entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, “que tanto é constituído socialmente como também é constituído de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença” (RESENDE; RAMALHO, 2004, p.189). Certamente, no contexto brasileiro contemporâneo, observamos um embate entre forças que lutam para a manutenção da hegemonia e forças emancipatórias que lutam pela mudança. Fairclough (2003) indica que a mudança genérica, como parte da mudança discursiva e social insere-se na agenda de pesquisa da ADC (RESENDE, RAMALHO, 2006).

No texto, Antônio Prata lança mão de uma pressuposição para afirmar uma visão de totalitarismo vivido no Brasil: "Como todos sabem, vivemos num totalitarismo de esquerda. A rubra súcia domina o governo, as universidades, a mídia, a cúpula da CBF e a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, na Câmara". A proposição "como todos sabem" trata o "totalitarismo de esquerda" como algo real, concreto, dado, dialogando com as vozes que compartilham essa visão. Ao evocar o "cidadão de bem" a juntar-se a ele, o autor aponta a pressuposição de que há o "cidadão do mal", revelando a representação dicotômica de mundo entre os "maus" e os "bons".

No texto, Antônio Prata, por meio da ironia, aponta alguns atores sociais como sendo parte do problema que impede o desenvolvimento do país:

E quem há de negar que é preciso reagir? Quando terroristas, gays, índios, quilombolas, vândalos, maconheiros e aborteiros tentam levar a nação para o abismo, ou os cidadãos de bem se unem, como na saudosa Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que nos salvou do comunismo e nos garantiu 20 anos de paz, ou nos preparemos para a barbárie.

Rajagopalan (2003) indica que devemos encarar o fenômeno de nomeação como um ato eminentemente político. O autor sustenta a tese de que: "é no uso político de nomes e de apelidos que consiste o primeiro passo que a mídia dá no sentido de influenciar a opinião pública a favor ou contra personalidades e acontecimentos noticiados" (RAJAGOPALAN, 2003, p. 82). Vimos que a função textual corresponde à maneira como as informações são estruturadas e relacionadas no texto. Ao colocar "terroristas, gays, índios, quilombolas, vândalos, maconheiros e aborteiros" no mesmo campo semântico, como atores responsáveis por "levar a nação para o abismo", o autor busca indicar o posicionamento valorativo associado a esses adjetivos e substantivos. Terroristas e vândalos associam-se a gays, índios, quilombolas, maconheiros e aborteiros como indivíduos que compartilham a mesma linha ideológica. Aparentemente, na visão dos leitores que parabenizaram o cronista pela "coragem" de escrever a crônica, tal grupo apresenta uma ameaça aos "valores" tradicionais da família e da nação. Valores esses que foram construídos nas práticas sociais, por meio do discurso. Na medida em que assuntos como orientação sexual, aborto e descriminalização da maconha entram na pauta de discussão do governo e da sociedade civil, discursos cristalizados são contestados, e há, assim, um embate.

Um valor construído muito presente nas práticas discursivas no Brasil é a noção de meritocracia. O discurso da meritocracia aponta para uma representação de mundo onde todos nascem iguais, portanto, com as mesmas oportunidades, e, nesse caso, os "vencedores" são aqueles

que “merecem”. Tal discurso é sustentado por relações sociais de poder, em que as práticas se articulam para a manutenção da hegemonia. No entanto, “toda hegemonia é um equilíbrio instável”, e observamos hoje, no Brasil, outras forças sociais que lutam pela desarticulação dessas relações de dominação. A implementação de ações afirmativas em instituições de ensino brasileiras são práticas que estão inseridas nessa desarticulação. No texto, Antônio Prata exemplifica esse embate:

Se é que a barbárie já não começou... Veja as cotas, por exemplo. Após anos dessa boquinha descolada pelos negros nas universidades, o que aconteceu? O branco encontra-se escanteado. Para todo lado que se olhe, da direção das empresas aos volantes dos SUVs, das mesas do Fasano à primeira classe dos aviões, o que encontramos? Negros ricos e despreparados caçoando da meritocracia que reinava por estes costados desde a chegada de Cabral.

É evidente a ironia do autor aqui, pois quem sempre esteve “escanteado” das direções de empresas, carros importados, restaurantes caros, viagens de primeira classe são os negros. É notório que a presença de negros em cargos de chefia e em ambientes frequentados pela classe com poder aquisitivo alto é mínima. Os resultados da pesquisa “Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas e suas Ações Afirmativas – 2010”, realizada pelo *Instituto Ethos*, revelam que nos cargos de direção, o número de negros gerindo empresas, é de 5,3% contra 3,5% no último levantamento, em 2007, apesar de representarem mais da metade da população. O perfil da direção das 500 maiores empresas brasileiras, segundo a pesquisa, continua quase que 100% branco: diretores brancos representam 93,3%.

Podemos observar que a ideologia do discurso da meritocracia foi internalizada e naturalizada pelos leitores que se identificaram com a crônica, a ponto de negarem um fato incontestável – os negros são ínfima minoria em cargos de chefia. Fairclough (2001, p.117) entende que “as ideologias são significações/construções da realidade que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.” A ideologia da meritocracia, assim, se faz presente nas autoconstruções reflexivas, influenciadas pelas práticas presentes na mídia.

Resende e Ramalho (2004) assinalam que, para um grupo se manter temporariamente em posição hegemônica, é preciso estabelecer posição de liderança moral, política e intelectual na vida social. Isto é feito através da disseminação de uma visão de mundo particular pelo tecido da sociedade como um todo. Ora, quando os interesses desse grupo são contestados, há uma reação de ultraje, raiva, como se perguntassem: como ousam desafiar esse consenso da sociedade? No entanto, podemos enxergar esse consenso como parte da estratégia das classes dominantes em

ganhar aliados para seu projeto particular de manutenção do *status quo*. A pergunta que fazemos é: Há realmente um consenso? Observamos que não, quando diversos grupos que antes não tinham voz nas práticas discursivas e sociais agora passam a ter. Dentro dessa conjuntura, o discurso do “politicamente correto” pode ser visto como uma forma de tensão entre um discurso antes cristalizado na sociedade e essas novas vozes. No texto, Antônio Prata indica essa tensão:

[...] nós, da direita, temos uma arma: o humor. A esquerda, contudo, sabe do poder libertário de uma piada de preto, de gorda, de baiano, por isso tenta nos calar com o cabresto do politicamente correto. Só não joga a toalha e mudo de vez pro Texas por acreditar que neste espaço, pelo menos, eu ainda posso lutar contra esses absurdos.

Certamente, o termo “politicamente correto” pode adquirir muitas acepções. O debate é bastante amplo acerca dos efeitos de sentido que o uso de certas palavras apresentam. O objetivo aqui, no entanto, é evidenciar como o uso da linguagem pode servir para reproduzir ideologias engessadas nas práticas brasileiras. O autor termina sua crônica, utilizando formas linguísticas que revelam essas ideologias:

[...] seguiremos dominados pelo crioulo, pelas bichas, pelas feministas rançosas e por velhos intelectuais da USP, essa gentalha que, finalmente compreendi, é a culpada por sermos um dos países mais desiguais, mais injustos e violentos sobre a Terra. Me aguardem.

Vimos que, para a ADC, o discurso é um modo de ação. Evidentemente, a escolha dos itens lexicais “crioulo” e “bicha”, no texto, tem como objetivo provocar um efeito de sentido negativo dirigido aos negros e aos homossexuais, que se juntam às feministas e aos intelectuais como “gentalhas”. O uso de tais elementos discursivos marca uma ação direcionada a esses grupos como um desejo de calarem suas vozes.

De forma clara, os leitores que não identificaram a ironia do autor e concordaram com suas palavras fazem parte do grupo que luta pelo emudecimento dessas vozes e pela manutenção da hegemonia. Tal grupo não entendeu a ironia do texto, pois são leitores de um veículo que, no decorrer da história, mostrou-se alinhado às práticas sociais consolidadas pelo poder hegemônico.

Certamente, aos negros, mulheres, gays, índios, quilombolas, pobres sempre foi relegado papel secundário nas tomadas de decisões políticas no Brasil. Quando tais grupos reivindicam posições mais atuantes nas práticas sociais brasileiras, estes são contestados por atores que tentam defender e sustentar suas posições de dominação.

A análise conclui que a crônica de Antônio Prata ecoa o discurso desses atores que lutam para a manutenção de uma ideologia sustentada por poderes hegemônicos. Essa conclusão não parte de um ponto de vista particular, embora este possa transparecer nas considerações feitas nesse trabalho, mas tem como base a reação de leitores, que não só concordam com as palavras do autor, mas o parabenizam pela coragem de assumir tais posições.

### **Considerações finais**

O objetivo desse trabalho foi inserir o contexto brasileiro contemporâneo no período de transformação social, marcado por uma tensão entre pressões pela manutenção da força dominante, e pressões pela mudança, apontado por Fairclough (2001). Com base no enquadre tridimensional desse autor, analisamos as práticas sociais e discursivas que permeiam o texto “Guinada à direita” de Antônio Prata. A separação das três dimensões: prática discursiva, texto e prática social servem para fins de organização da análise. Partimos do texto para a análise dos aspectos sociais envolvidos na dinâmica entre o autor, os leitores e o veículo de comunicação em que a crônica foi publicada.

A análise nos ajudou a mapear a lógica que figura em textos do jornal *Folha de São Paulo*, que se diz apartidário e democrático. Certamente, a *Folha* abre espaço para colunistas com diferentes visões ideológicas. Antônio Prata, através de seu texto irônico, indica sua posição particular. O jornal, por sua vez, por meio de seu editorial, também revela seu posicionamento.

O problema apresentado aqui é evidenciado em duas dimensões. Primeiro, analisamos a prática discursiva, que focaliza os processos de produção, distribuição e consumo do texto. Nessa análise, vimos que uma grande parte dos leitores da *Folha* sentiu-se representada pelas palavras usadas pelo autor da crônica, pois o jornal é um veículo que representa suas visões políticas, econômicas e culturais. Ao lerem a crônica de Antônio Prata, os leitores não perceberam a ironia, pois, para eles, aquelas palavras se articulam com sua representação de mundo. Segundo, analisamos a prática social, que está relacionada aos aspectos ideológicos e hegemônicos presentes nos elementos discursivos do texto. De acordo com essa análise, a crônica de Antônio Prata evidencia uma tensão entre uma visão hegemônica, construída na ação dos sujeitos que fazem parte das estruturas de dominação, e os grupos que participam de práticas emancipatórias.

As palavras usadas no texto analisado ecoaram o discurso incorporado por leitores da *Folha*. A ironia não foi alcançada, pois tais leitores não compartilhavam as mesmas referências do autor. A

crônica de Antônio Prata sinalizou um tempo em que novos agentes atuam para a reconfiguração de um mundo onde mais vozes possam ser ouvidas. Claramente, essa conjuntura apresenta um embate entre forças. No entanto, para a superação das relações assimétricas, somente a agência humana apresenta um artifício potencial para a mudança.

## Referências

ALVES FILHO, Aluizio. A ideologia como ferramenta de trabalho e o discurso da mídia. **Comum**15, n. 5, Rio de Janeiro p. 86-118, , ago.- dez. 2000.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2002.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press,1999.

**INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL (ETHOS)**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www3.ethos.org.br>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, DF: Ed.Universidade de Brasília, 2001.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Circulação**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>>. Acesso em: 8 jun. 2015

\_\_\_\_\_. **Painel do leitor**. São Paulo, 4 nov. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/137269-painel-do-leitor.shtml>>. Acesso em: 8 jun. 2015.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **A Gramsci reader**: selected writings, 1916-1935. London: Lawrence and Wishart, 1988. (Org. David Forgacs).

\_\_\_\_\_. **Concepção dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária – Prosa**. São Paulo: Cultrix, 1978.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**. São Paulo: Parábola, 2003.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006

\_\_\_\_\_. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, v. 5, n.1, p. 185-207, jul.-dez. 2004.

SILVA, R B. da. **O populismo como arcadismo e estatismo, na Folha de S. Paulo e no Jornal do Brasil**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciência Política)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.